

**LITERATURA E ARTE:  
TRILHANDO DIÁLOGOS  
ENTRE O POETA MANUEL BANDEIRA  
E A ARTISTA CONTEMPORÂNEA ROSANA RICALDE**

*Magda Simone De Toni* (UEMS)

[m\\_magdadetoni@gmail.com](mailto:m_magdadetoni@gmail.com)

*Daniel Abrão* (UEMS)

[danielabrao7@gmail.com](mailto:danielabrao7@gmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo aborda o autorretrato na poesia de Manuel Bandeira e na obra de Rosana Ricalde, tem como objetivo fazer as relações interartes a partir do encontro entre literatura e arte, estabelecer diálogos por meio da poética e da produção artística dos dois autores explorando a intertextualidade. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica das obras de Manuel Bandeira e de Rosana Ricalde, dos referenciais teóricos do comparatismo entre a história da arte e estudos literários. O método utilizado é o estudo bibliográfico pela via teórica do comparatismo estético e da relação interartes. Serão analisadas a poesia “Auto-Retrato (1948)” de Manuel Bandeira e a obra *Auto-Retrato de Manuel Bandeira (2004)*, de Rosana Ricalde.

**Palavras-chave:** Literatura. Arte. Intertextualidade.

**1. Introdução**

O presente artigo tem por objetivo demonstrar alguns exercícios interartes a partir do encontro entre literatura e arte, explanando essa relação por meio da poética de Manuel Bandeira e da produção artística de Rosana Ricalde.

O autorretrato na literatura como elemento metafórico coloca em cena a figura do poeta de uma forma literária mais complexa, heterogênea e descontínua do que a autobiografia que, por sua vez, caracteriza na perspectiva do autor, o momento em que ele escreve, fazendo analogia entre os lugares da memória individual e coletiva, a contradição em dizer o que não está literalmente escrito, em desconstruir a própria imagem, em ironizar-se.

Em contrapartida, na história da arte o autorretrato é considerado um subgênero em que o artista utiliza a representação de suas características físicas ou psicológicas, em seus ateliês ou em seu cotidiano. Assim, pode-se encontrar autorretratos em quase todas as épocas da história da

arte a partir do Renascimento que com o advento do antropocentrismo, o autorretrato passou a configurar importante representação do homem e sua visão de si e do mundo que o cerca. Entretanto, o fato de ser considerado um subgênero não diminui a importância que esta representação tem para a sociedade ou para o próprio artista, pelo contrário, traz particularidades e nuances infinitamente ricas para essa discussão e provoca reflexões sobre a vida, o contexto político, social e econômico de cada representação.

Assim, o artigo será desenvolvido pautado numa pesquisa bibliográfica, pois busca revisar e analisar textos, artigos e obras já publicados que abordam temáticas como o artista na obra, o meio social, o espelho do artista, e as possibilidades da interface entre literatura e arte.

O objetivo principal é analisar a intertextualidade, as metáforas e as possíveis analogias na poesia “Auto-Retrato” de Manuel Bandeira e na obra *Auto-Retrato de Manuel Bandeira (2004)*, de Rosana Ricalde. E apresenta como objetivos específicos descrever o exercício interarte na análise da poesia de Manuel Bandeira e da obra contemporânea *Auto-Retrato de Manuel Bandeira (2004)*, de Rosana Ricalde; promover a compreensão e reflexão sobre a arte contemporânea de Rosana Ricalde e ainda pretende contribuir para as pesquisas, pelo viés da interarte, na literatura e arte brasileiras.

## **2. *Autorretrato e a intertextualidade***

Diversos trabalhos sobre o autorretrato já foram publicados. Todavia, neste artigo trabalhar-se-á o exercício interarte com a relevância da percepção da intertextualidade apresentada na poesia “Auto-Retrato” de Manuel Bandeira. Para tanto, faz-se necessário compreender como surge o conceito de intertextualidade conforme afirma Antonio Carlos Rodrigues de Freitas (2011):

O primeiro a abordar a intertextualidade foi o pensador russo Mikhail Bakhtin como conceito operacional de teoria e crítica literária, porém não usava essa denominação e sim a chamava de “dialogismo”. Nas palavras do filósofo, todo discurso constitui-se perante o outro e não sobre si mesmo. Na voz de qualquer falante, sempre encontramos a voz do outro, pois é “o outro” que nos define, que nos completa. [...] Mais tarde, a semiótica Julia Kristeva (FIORIN, 2006: 51) vai nomear como “intertextualidade” o que Bakhtin chamou de “dialogismo”. Em seus escritos, em 1967, na revista *Critique*, ela fala que o discurso literário dialoga com várias escrituras. De acordo com a pesquisadora, para que ocorra intertextualidade, é necessário que o leitor possa

reconhecer a presença de outro texto ou de fragmentos produzidos anteriormente, que estabeleçam relação com o texto lido. Em outros termos, é preciso que haja a presença de um “intertexto”. (FREITAS, 2011, p. 30-31)

Partindo desse conceito de intertextualidade em que um texto sempre estabelece relação com outro texto, e o leitor realiza o exercício de reconhecer essa presença, escolhe-se trabalhar a obra contemporânea de Rosana Ricalde, a qual fará mais sentido apreciar se tiver um contato prévio com a poesia de Manuel Bandeira.

Procura-se, também, discutir as metáforas “[...] que envolvem fundamentalmente dizer alguma coisa para representar outra” (HUT-CHEON, 2000, p. 99), além de promover a compreensão e reflexão sobre a arte contemporânea em negar o que é dito. Neste sentido, segundo (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p. 3, *apud* VEREZA, 2011, p. 205), “A metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza”.

Assim será realizada a análise da metáfora na poesia “Auto-Retrato” de Manuel Bandeira, que faz parte da obra *Mafuá do Malungo*, publicada no ano de 1948 na qual, para ter melhor compreensão, é válido ressaltar que, segundo o próprio poeta, “Mafuá” é representado como algo para o divertimento e “Malungo” para os amigos, desse modo já revela o poeta que suas poesias devem ser lidas com caráter lúdico, jocoso, cheios de irreverência e humor, como jogos e brincadeiras. O texto também aborda características físicas e/ou psicológicas dos personagens, como se pode verificar no seguinte trecho: “Provinciano que nunca soube/Escolher bem uma gravata/Pernambucano a quem repugna/A faca do pernambucano [...]” (BANDEIRA, 1993, p. 305) assim o poeta se autorretrata, expressa-se, vê-se, comunica seu estado de espírito.

Já na obra *Auto-retrato de Manuel Bandeira*, produzida por Rosana Ricalde no ano de 2004 que faz parte da exposição “Palavras compartilhadas” da série “Autorretratos” observa-se o diálogo da artista com a obra do poeta e a irreverência em produzir um autorretrato de outra pessoa, percebe-se nesse diálogo as metáforas e possibilidades da intertextualidade entre as linguagens.

Contemplar as interfaces da literatura e da arte nos envolve num exercício de desvelar a forma e o significado, a palavra e a imagem, o sentimento, a ilusão e a imaginação.

Conforme Antonio Melo e Souza Candido (2000),

[...] nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, que a certa altura do século passado chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos. Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem. (CANDIDO, 2000, p. 5)

Ao mesmo tempo em que o meio é importante, a obra e o artista também são, seria muito difícil tentar separá-los, abordar a literatura como um conjunto de fatores que engloba a arte, a sociedade, o artista e o receptor desta obra. Diante do exposto, Antonio Melo e Souza Candido (2000, p. 19) ressalta que: “Talvez tenha sido Madame de Staël, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre”. Apontamos aqui a importância que a obra, o artista, a produção, o processo e a recepção do público têm para uma expressão artística em seu tempo.

Neste sentido retoma-se o conhecimento da analogia “a analogia enxerga o mundo como um ritmo [...] O mundo passa a ser vislumbrado como um poema, um mundo de ritmos e símbolos” (DICK, 2002, p. 18)

Agrega-se a literatura e a arte, o ritmo, os símbolos e trabalhos próprios com a linguagem, sendo que existe esse mundo de correspondências entre elas. Assim como o escritor se relaciona com o público, o artista se expressa por meio de linguagens variadas, estabelece-se aqui uma relação entre a poesia e, o autorretrato, com o intuito de analisar as características apresentadas nas obras citadas, em relação à metáfora no sentido do “dito” ou “não dito”, conforme Eiliko Lutz Pfeiffer Flores (2010), das semelhanças e diferenças possíveis na análise, assim o mundo passa a ser “metáfora de uma metáfora”, perdendo sua realidade e se transformando.

Ao analisar o fazer artístico de Rosana Ricalde, uma vez que,

[...] se insere nesta condição de um pensar metafórico antes de mais nada proposicional. Seu trabalho atua como os ‘espelhos cegos dos autorretratos’, onde exige a multiplicação de estados inventivos para se ultrapassar as máscaras

das aparências. (RICALDE, 2010, p. 11)

O encontro da artista com a poesia constrói-se pelo elemento articulador que é a metáfora. Rosana Ricalde considera seu trabalho um exercício de fazer poesia, em seus contrapoemas há uma história ou um pensamento, esse seu jogo com a linguagem robustece a metamorfose dos objetos poéticos valorizando a metaforização:

Eu me fascino quando leio um bom texto, com a capacidade que uma pessoa tem de escrever, porque a escrita é uma coisa de arquiteto, só que mais completo: o escritor constrói a paisagem, as pessoas, ele é um pouco um deus, constrói todo um universo que sai da cabeça dele. (RICALDE, 2010, p. 20)

Observa-se que Rosana Ricalde ao criar essa exposição contrapoema e autorretrato, revisita poetas de sua admiração e amplifica os sentidos, potencializando a polissêmia advinda dessa experiência artística. Na série contrapoemas é possível experimentar essa criação polissêmica quando a artista dialoga com o poema “Versos escritos n’água”, de Manuel Bandeira.

Tal questão apresenta relevância no sentido de contribuir para a pesquisa bibliográfica do tema autorretrato na obra de Manuel Bandeira que delimita e relaciona-se com a obra da artista contemporânea Rosana Ricalde em virtude da necessidade de explorar artistas e obras do cenário brasileiro.

Como estratégia metodológica será realizada uma pesquisa de natureza básica (PRODANOV & FREITAS, 2013) por envolver interesses do cenário da literatura e arte brasileiras, do ponto de vista dos procedimentos metodológicos é uma pesquisa exploratória (GIL, 1996) ao permitir estudar o tema por vários aspectos envolvendo o levantamento bibliográfico.

Quanto aos procedimentos pode-se delinear uma pesquisa bibliográfica a partir da seleção e leitura do material já publicado em livros e artigos científicos bem como reproduções de obras de arte, assim foi escolhido o tema da pesquisa no sentido de trabalhar o exercício interarte com a relevância da percepção da metáfora apresentadas na poesia de Manuel Bandeira e na obra de Rosana Ricalde com enfoque no “Auto- Retrato” de Manuel Bandeira.

Também será destacada a hipótese da possível discussão sobre a intertextualidade na poesia e na arte contemporâneas.

### 3. Manuel Bandeira e seu poema "Auto-retrato"

No livro *Estrela da Vida Inteira*, em sua 20ª ed. do ano de 1993, encontra-se o poema "Auto-Retrato" de Manuel Bandeira que demonstra a subjetividade, a irreverência e a ironia com que ele se descreve, veja-mos o poema na íntegra:

#### Auto-Retrato

Provinciano que nunca soube  
Escolher bem uma gravata;  
Pernambucano a quem repugna  
A faca do pernambucano;  
Poeta ruim que na arte da prosa  
Envelheceu na infância da arte,  
E até mesmo escrevendo crônicas  
Ficou cronista de província;  
Arquiteto falhado, músico  
Falhado (engoliu um dia  
Um piano, mas o teclado  
Ficou de fora); sem família,  
Religião ou filosofia;  
Mal tendo a inquietação de espírito  
Que vem do sobrenatural,  
E em matéria de profissão  
Um tísico profissional.

Ao ler "Auto-Retrato" pela primeira vez, sem preocupação com a análise do poema não percebemos os contrastes e a ironia presentes; ao realizar uma leitura com maior concentração e um olhar mais apurado podemos perceber a forma, o conteúdo, a ironia, a ludicidade, a memória e o divertimento do autor. Todo este contexto traz a beleza do poema, aquilo que o autor quer dizer sem ter escrito com todas as palavras, o que podemos ler nas entrelinhas, a subjetividade do poema é a brincadeira e a ironia que traz como característica neste poema e em tantas outras obras.

Traços de caricatura em que o poeta faz afirmações contraditórias e exageradas nos versos sobre suas características, ser um poeta ruim, um tísico profissional.

A qualidade do autorretrato possibilita pensar no poeta e em suas características, não tem a mesma função de uma biografia, não significa a realidade, por este motivo pode causar curiosidade, diversão, inquietação no leitor, é uma excelente ferramenta para desafiar tanto o poeta quanto o leitor.

No início do poema Manuel Bandeira explora sua origem e condi-

ção social, reconhece ser provinciano de Pernambuco e ao mesmo tempo não se reconhece com as características do pernambucano, sua vida tomou outro rumo, lhe ofereceu condições de ascensão social para usar gravata e inserir-se numa sociedade que exige certo padrão, status e lembra a condição do homem pernambucano que tem outros modos de resolver suas questões pessoais, que vive em outra condição social menos favorecida. Essa condição de não se enquadrar no estereótipo do pernambucano e não se encontrar no nível social mais elevado lhe causa estranheza como se não fizesse parte dessa sociedade. O poeta mostra por meio da contradição seus sentimentos em relação à identidade. Quem é Manuel Bandeira na verdade? Pergunta que muitos de nós nos fazemos constantemente, a subjetividade e incerteza do ser humano que pode parecer um questionamento atual para a qual não temos resposta exata.

O poeta desdenha de seu potencial que na época desta publicação já era reconhecido pela sua obra literária. Um sentido duplo dado a poesia é a contradição e ironia de quem tem qualidade e imagem construída para poder desafiar sua condição por meio da contestação.

Ele questiona no poema as profissões que poderia ter e não teve, como o sonho do pai de que se formasse arquiteto, abandonou o curso por causa da doença, a tuberculose. Foi a doença que o fez mudar de profissão, abandonar os estudos e retomar sua escrita.

Ao citar a música em sua vida, apesar de ser muito musical em seus poemas, não seguiu a carreira e quando alega ter engolido o piano faz relação com o teclado por considerar-se dentuço, brinca mais uma vez com sua imagem. É caricato e diverte-se com isso.

Ao finalizar o poema mostra sua solidão, tristeza pela perda de seus familiares e a condição de quem não viveu dentro do padrão exigido pela sociedade, apresenta-se sem família, religião ou filosofia, desafia novamente o estereótipo imposto para que todos tenham uma religião, uma crença, casem-se, tenham família, sigam os padrões. E ele se vê só nesta vida, pois acredita somente na realidade, na vida terrena, não tem esperança em outra vida.

O exercício de construir e desconstruir a imagem do poeta chama a atenção do leitor, encanta para que a leitura nos oportunize pensar na beleza das palavras e na transformação que só a arte deixa a mostra, este exercício interarte nos intriga e inspira para conhecer mais sobre a obra e o artista.

#### **4. Rosana Ricalde: imagem e literatura**

A pergunta inicial que não quer calar: Pode um artista realizar um autorretrato que não o seu?

Essa ousadia de Rosana Ricalde em fazer uma exposição com obras de autorretratos de poetas aponta a irreverência da arte contemporânea, o desafio do padrão, a condição de quebrar a regra, quebrar o este-reótipo.

Rosana Ricalde desenvolve um trabalho intitulado *Palavras Compartilhadas*, dentro dele a “Série Auto-Retratos”. Durante algum tempo a artista procurou poesias com o título “Auto-Retrato” com a preocupação de que a poesia não seja mera descrição do poeta, selecionou poemas de Mário Quintana, Cecília Meireles, Augusto Massi, Graciliano Ramos e Manuel Bandeira, poeta em que vamos nos deter especificamente neste estudo interarte.

Para realizar a obra de arte, Rosana Ricalde escolheu como material a fita rotuladora, encontrada no lixo algum tempo atrás, associou a fita rotuladora a sua utilidade que era a de identificar objetos, esclarecer que o objeto era de posse daquela pessoa, o pertencimento. Determinou também o tamanho e o formato dos autorretratos, geralmente os artistas pintavam quadros pequenos, ela utilizou o tamanho (50cm x 46cm) o qual podemos comparar a um espelho para ver de perto nosso rosto. A artista pensa o processo de criação, as possibilidades dos materiais, a identificação da obra com o contexto. Assim afirma:

Na série de autorretratos, o que eu acho legal particularmente é pensar que como os pintores pintam seus autorretratos, alguns poetas também decidem se descrever, só que usando a palavra. E o resultado pode ser tão ou até mais rico em alguns aspectos do *fita rotuladora* que as imagens desenhadas e pintadas que os artistas fazem de si: acho incrível como o Manuel Bandeira é capaz de se descrever. Já a cor é mais ou menos aleatória, é um pouco intuitiva também. Mas, por exemplo, com o Mário Quintana não tem como eu usar preto, pois a cor nos remete a alguma coisa. O Manuel Bandeira é preto, a Cecília Meireles, azul, o Graciliano Ramos, roxo [...]. (RICALDE, 2010, p. 30)

A organização dos materiais, a composição das obras e a primeira impressão que temos ao olhar a obra de longe, e ver somente a cor, uma superfície monocromática, entretanto ao aproximar-nos e ver o poema escrito, todos estes detalhes tornam a obra de Rosana Ricalde intrigante e demonstram a perspicácia da artista em trabalhar o autorretrato, como podemos observar na ilustração a seguir:





A característica da imagem que parece um retângulo monocromático, para depois tornar-se de perto, um texto, essa união de imagem/palavra, texto/cor, forma/conteúdo traz a tona a discussão das possibilidades de criar e recriar, inventar e reinventar, assim o exercício interarte no sentido de explorar as várias maneiras de autorretratar, de demonstrar a mistura de forma física e características psicológicas, na construção e desconstrução, a artista evidencia seu interesse em unir artes visuais e literatura.

Rosana Ricalde sempre teve interesse pela questão visual das palavras, admira a escrita e sua forma desde a infância, desenha com palavras, cria imagens compostas por palavras. É desta inspiração que surge a irreverência de fazer um autorretrato de outra pessoa, que nos leva a pensar sobre o indivíduo e suas facetas, seus personagens, suas contradições,

é olhar no espelho e a cada vez perceber um novo olhar, um novo personagem, uma outra pessoa.

Essa percepção metafórica que impossibilita a artista o ato de criar um autorretrato de outra pessoa, assim torna esta série uma constante metáfora, é uma obra conceitual, precisamos entender o contexto, não basta observar o *Auto-Retrato de Manuel Bandeira 2004* para satisfazer nossa curiosidade, para compreender a obra da artista. Faz-se necessária a reflexão, por que escolher uma obra de um poeta, por que usar um autorretrato de outra pessoa, por querer explorar o quanto o ser humano se revela ou se esconde por meio da imagem ou de um personagem, para avaliar quem somos e quem pensamos ser. É a maneira encontrada pela artista em deixar registrada a sua admiração pelo poeta e a sua inquietação com o mundo, em que cada um deve ser enquadrado num padrão. Como contestar este padrão? A literatura e a arte nos ajudam a ver com outros olhos e quebrar esses estereótipos ditados pela sociedade. A artista questiona o autorretrato na história da arte e a condição humana que tem ânsia em perpetuar sua imagem porque a vida é fugaz.

O observador desta obra também tem a possibilidade de ver sua própria imagem refletida no vidro que encobre o poema, essa percepção de que está se olhando no espelho também faz o espectador pensar em como seria seu autorretrato. Em quem representa e quem é na verdade.

## 5. Considerações

Pretende-se neste artigo estabelecer uma relação entre literatura e arte, como afirma Maria Adélia Menegazzo (1991, p. 231) “não se cogitou, em momento algum, estabelecer relações diretas como as de ilustrações de poemas ou poemas sobre quadros” buscou-se uma identificação do autorretrato como uma maneira que o artista encontrou de representar, expressar e comunicar por meio da literatura e da arte. Nesse sentido, busca-se perceber a representação como meio e reflexão do ser humano, respeitando a individualidade do artista e as possibilidades de recepção do público.

Considerando que ao iniciar o artigo destacou-se a hipótese de que a metáfora e a intertextualidade presentes na poesia de Manuel Bandeira e na arte contemporânea de Rosana Ricalde, acerca da discussão interarte, identificaram-se as relações previamente estabelecidas para descrevê-las. Pretende-se obter o reconhecimento da literatura e da arte co-

mo representação do ser humano no subgênero do autorretrato na possibilidade do exercício interarte; e a contribuição para as pesquisas nas áreas de literatura e arte contemporânea no cenário brasileiro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANDEIRA, Manuel. Mafuá do malungo. Auto-retrato. In: \_\_\_\_\_. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CANDIDO, Antonio Melo e Souza. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha, 2000.

DICK, André Henrique. *Um Coup de dès: o testamento do espaço mal-larmeano*. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras). – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FLORES, Eiliko Lutz Pfeiffer. Alegoria e ironia: confrontos e convergências. *Revista Água Viva: Revista de Estudos Literários*. Brasília, vol. 1. n. 1, p. 1-17, 2010. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/3275/2866>

Acesso em: 01-10-2016.

FONTES, Maria Aparecida Rodrigues. *Ut Pictura Poesis e Mimesis: considerações teóricas sobre as relações entre pintura e poesia*. *Revista Elerônica do Instituto de Humanidades*, vol. I, n. III, p. set-dez 2002. Disponível em:

<<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/404/396>>. Acesso em: 01-10-2016.

FREITAS, Antonio Carlos Rodrigues de. O desenvolvimento do conceito de intertextualidade. *Revista dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras UFF*, n. 06, 2011. Disponível em:

<[http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/6/dlingua/antonio\\_carlos.pdf](http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/6/dlingua/antonio_carlos.pdf)>

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar um artigo de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

LICHTENSTEIN, Jaqueline. *A pintura: textos essenciais*, vol. 7. O paralelo das artes. Trad.: Magnólia Costa. São Paulo: Editora 34

MENEGAZZO, Maria Adélia. *Alquimia do verbo e das tintas nas poéticas de vanguarda*. Campo Grande: CECITEC/UFMS, 1991.

\_\_\_\_\_. Quando a arte se torna poesia. *CASA Cadernos de Semiótica Aplicada*. Campo Grande, vol. 9. n. 2, p. 1-17, dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/4722>>. Acesso em: 02-10-2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale. 2013.

RICALDE; Rosana. *Exposição palavras compartilhadas*. Material Educativo. 1ª reimpr. Rio de Janeiro: SESC, 2010.

VEREZA, Solange Coelho. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, p. 199-212, 2010.